

Finalmente, Jesus instituiu, além dos outros sacramentos, a Eucaristia como "sacramento do seu amor e memorial do seu sacrifício"³⁷. Assim, o Batismo remete para a Eucaristia que é o centro da vida da Igreja. É a presença real do Cristo que, com seu corpo e sangue, alimenta o povo dos batizados no seu empenho em construir o Reino (6,11).

Conclusão

De Puebla a Sto. Domingo não há uma evolução no conceito dos sacramentos. Há, na verdade, um esforço em historicizar os sacramentos, tornando-os relevantes

para a vida eclesial LA. Podemos entendê-los não mais destacados da realidade, mas como verdadeiros dons da força de Deus que, na Igreja, se tornam sinais salvíficos de Cristo para o mundo; graças aos sacramentos, a vida do povo cristão pode se tornar testemunhal para o continente LA., ou como sugere Santo Domingo: os sacramentos devem se tornar cultura.

Côn. Dr. José Adriano é Dr. em Teologia Moral e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
End.: Av. Nazaré, 993
04263-100 São Paulo - SP

CRUZANDO O LIMIAR DA ESPERANÇA

Pe. Dr. Beni dos Santos

O livro de João Paulo II - *Cruzando o Limiar da Esperança* - contém as respostas redigidas de próprio punho às questões colocadas pelo jornalista Vittorio Messori. Ele pode ser analisado a partir de diversas perspectivas. Nele se encontram elementos para uma autobiografia do atual Papa. Podem ainda ser detectadas as raízes históricas de sua vida de fé, de sua vocação e, até mesmo, de algumas de suas idéias. É possível também, a partir do livro, traçar o perfil humanista de João Paulo II. Outros encontrarão, em suas páginas, elementos para um balanço do seu pontificado, incluindo uma análise profunda da presença da Igreja no mundo moderno e de diversos problemas que a desafiam. Creio que o livro, considerado globalmente, constitui também um fato eclesiológico significativo. É justamente este ponto que procuro analisar neste artigo. Tendo, como pano de fundo, alguns elementos do contexto biográfico, sublinho as *características do pontificado de João Paulo II e a imagem da Igreja* retratada no seu livro.

Cruzando o Limiar da Esperança despertou, logo de início, grande interesse. A partir da publicação italiana, foi traduzido nas prin-

cipais línguas do mundo. Saiu simultaneamente em vinte traduções. Embora analisando as perguntas como filósofo, teólogo e pastor da Igreja universal, o Papa conseguiu exprimir o seu pensamento numa linguagem simples, concisa e direta, própria do estilo jornalístico. Mesmo falando na qualidade de sucessor de Pedro, a forma de ensinar é diferente. Mais do que expor autoritativamente a doutrina, ele propõe, esclarece, apela para a própria experiência pessoal e o testemunho de vida. Sobretudo apresenta as razões da própria fé. Não só responde, mas também procura entender e analisar as razões da pergunta e descobrir qual o interlocutor que está representado pela voz do jornalista. Procura descobrir as motivações de fé e a inquietude que envolvem as perguntas; os condicionamentos da mentalidade moderna nelas subjacentes.

O pensamento de João Paulo II está profundamente enraizado em um contexto histórico, filosófico, eclesial e biográfico. É a partir daí que podemos compreender as idéias e práticas contidas no livro. Vejamos alguns exemplos:

Vittorio Messori se refere ao Papa como *místico*. Quando a vida espiritual atinge esse nível, a fé

37 Cf. Mc 14,22

ultrapassa, de certo modo, os limites do desafio, da procura e da aposta. Atinge o limiar da "visão" própria da união interior e pessoal com Deus. No caso de João Paulo II, a vida mística lança suas raízes em sua experiência familiar. "Lembro-me que, certo dia, meu pai me deu um livro de orações em que havia a *oração ao Espírito Santo*. Disse-me para rezá-la diariamente. É o que procuro fazer, desde aquele dia. Compreendi então pela primeira vez o que significam as palavras de Cristo à samaritana a respeito dos verdadeiros adoradores de Deus, isto é, sobre aqueles que o adoram em Espírito e verdade. O meu caminho teve a seguir muitas etapas. Antes de entrar no seminário, encontrei um leigo de nome Jan Tyranowski, que era um autêntico místico. Aquele homem, que considero um santo, apresentou-me aos grandes místicos espanhóis e, de modo particular, S. João da Cruz. Antes mesmo de entrar no seminário ocultamente, lia as obras daquele místico, especialmente as poesias. Para poder fazê-lo na edição original, estudei a língua espanhola. Aquela foi uma etapa muito importante na minha vida".

A respeito da oportuna doutrina exposta na Exortação Apostólica *Mulieris Dignitatem*, João Paulo II observava o seguinte: "Tudo aquilo que escrevi em *Mulieris*

dignitatem, carregava-o comigo desde quando era muito jovem; em certo sentido, desde a infância. Talvez, tenha influído sobre mim o ambiente da época em que fui educado, caracterizado por grande respeito e consideração pela mulher, especialmente pela mulher-mãe" (p. 199).

Outra característica do pontificado e do magistério do atual Papa tem sido a abertura ao *diálogo religioso*. Aparece não só nos seus ensinamentos, mas também no esforço de contatos pessoais mantidos no Vaticano e nas suas viagens apostólicas. Experiência relevante, nesse sentido, foi o encontro de oração pela paz realizado em Assis, o qual provocou reações desfavoráveis em alguns setores da Igreja. O diálogo visa descobrir os elementos comuns das diversas religiões. Como observou numa das respostas ao jornalista, mais do que ficarmos perplexos com a multiplicidade das religiões, deveríamos nos admirar com os elementos comuns entre elas. O diálogo religioso representa ainda um esforço comum para a construção da justiça e da paz no mundo.

No campo do diálogo religioso, o pontificado de João Paulo II tem dado relevância especial ao diálogo com os judeus. A razão disso consiste no fato de que eles são os nossos irmãos mais velhos na fé, segundo a expressão usada pelo

próprio Pontífice. De outro lado, o diálogo com os judeus lança raízes nas suas experiências de infância. O capítulo em que o Papa o menciona constitui talvez as mais belas páginas do livro, inclusive pelo conteúdo humanístico. Após citar o texto da declaração conciliar *Nostra Aetate* sobre o assunto, escreve o Papa: "Por detrás das palavras da declaração conciliar está a experiência de muitos homens, judeus e cristãos. Está igualmente a *minha experiência pessoal*, desde os primeiros anos de minha vida na cidade natal. Recordo antes de tudo a escola elementar em Wadowice, onde em minha classe ao menos um quarto dos alunos era composto por meninos judeus. E devo agora mencionar minha amizade, no tempo da escola, com um deles, Jerzy Kluger. Amizade que continuou desde o tempo dos bancos escolares até hoje. Tenho ainda viva diante dos olhos a imagem dos judeus que todo o sábado iam à sinagoga, situada atrás do nosso ginásio. Ambos os grupos religiosos, católicos e judeus, eram unidos, suponho, pela convicção de rezarem ao mesmo Deus. Apesar da diversidade da língua, as orações na igreja e na sinagoga se baseavam em boa parte nos mesmos textos" (pp. 101-102).

O magistério de João Paulo II tem se caracterizado não só por uma rica doutrina mariológica mas,

na realidade, por uma *fisionomia marial*. Suas grandes encíclicas terminam sempre com uma prece de confiança dirigida à Mãe de Deus em nome de toda a Igreja. Essa fisionomia mariana do seu pontificado pode ser compreendida a partir do contexto biográfico. Eis como explica, no livro, o lema do seu pontificado: "*Totus Tuus*": "Esta fórmula não tem apenas um caráter pietista, não é uma simples expressão de devoção: é algo mais. A orientação para semelhante devoção se afirmou em mim no período em que, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhava como operário numa fábrica. Num primeiro momento achei que devia afastar-me da devoção mariana da infância, em favor do cristocentrismo. Graças a São Luiz Grignon de Montfort compreendi que a verdadeira *devoção à Mãe de Deus é ao contrário, cristocêntrica, aliás é radicada muito profundamente no Mistério trinitário de Deus*, e nos referentes à Encarnação e à Redenção". "Desse modo, portanto, redescobri com consciência nova a piedade mariana, e esta forma madura de devoção à Mãe de Deus me acompanhou ao longo dos anos. Seus frutos são a *Redemptoris Mater* e a *Mulieris dignitatem*" (pp. 195-196).

A exposição de alguns elementos apenas do contexto biográfico (muitos outros poderiam ser cita-

dos) mostram claramente a fidelidade de João Paulo II às suas raízes, ao seu passado. O conhecimento desses elementos constitui uma chave para compreendermos a fisionomia histórica que a Igreja vem assumindo em seu pontificado.

Passemos agora para as *características gerais* desse pontificado. Antes de tudo, o *crístocentrismo*.

João Paulo II iniciou o seu pontificado no dia 22 de outubro de 1978 pedindo que o mundo inteiro abrisse as portas para acolher Jesus Cristo, o Redentor do homem. *Redentor do homem* é também o título de sua primeira encíclica. Ela, segundo o que escreveu no livro, “quer ser *um grande hino de alegria pelo fato de o homem ter sido remido por Cristo*” (p. 61). Num breve texto, ele explica o traço cristológico do seu pontificado: “Você deve lembrar-se que minha primeira Encíclica sobre o Redentor do homem (*Redemptor hominis*) apareceu alguns meses depois da minha eleição, no dia 16 de outubro de 1978. Isso significa que na realidade eu levava *comigo* o seu conteúdo. Só precisei então, em certo sentido, “copiar” da memória e da experiência aquilo que eu já vivia no limiar do Pontificado” (p. 61).

Outro traço característico, decorrente do crístocentrismo, são o *culto* e a *devoção* para com Nossa Senhora. A explicação dada para a queda do comunismo mostra, de

modo simples e claro, o traço mariano do seu pontificado: “Enquanto entrava nos problemas da Igreja universal, com a eleição ao Papado, carregava comigo uma convicção semelhante, ou seja, que também nesta dimensão universal a vitória, se vier, será concretizada por Maria. Cristo vencerá por meio dela, porque Ele quer que as vitórias da Igreja no mundo contemporâneo e no futuro sejam a Ela unidas. Por isso, eu tinha essa convicção, mesmo quando naquela época sabia pouco de Fátima. Entretanto, percebia que havia uma certa continuidade, a partir de La Salette, através de Lourdes, até Fátima. E, no já distante passado, a nossa polonesa Jasna Góra”.

A *Nova Evangelização* compõe também a fisionomia do seu magistério. Aliás, o pontificado de João Paulo II, no seu todo, é já componente importante da Nova Evangelização. O apelo constante para uma nova evangelização, nova no ardor, nova nos métodos, mostra também o enraizamento do seu pontificado na doutrina do Concílio Ecumênico Vaticano II. A maioria das respostas às perguntas de Vittorio Messori está fundamentada na doutrina do Concílio.

Além das características supra-mencionadas, seu pontificado tem se caracterizado também pela *defesa constante da vida* a partir do seu início. Mais ainda, a partir de

suas fontes. Conforme observou o jornalista na colocação de uma das perguntas, a defesa vigorosa que o Santo Padre faz da vida, incluindo a denúncia da prática do aborto, tem sido considerada, por certos setores político-culturais, como “obsessiva”. A resposta do Papa a essa questão é rica. Envolve elementos de natureza teológica, filosófica e pastoral. Toca nos diversos aspectos da problemática. “*Uma criança concebida no seio da mãe nunca é um injusto agressor, é um ser indefeso que espera ser acolhido e ajudado*” (p. 190). A prática do aborto não pode legitimar-se nem mesmo através de uma consulta popular, pois seria autorizar a privar da vida um ser humano incapaz de defender-se. E isto nenhuma lei humana pode autorizar. Nem é questão de direito de escolha por parte da mulher, pois “*não se pode falar de direito de escolha quando está em questão um evidente mal moral, quando se trata simplesmente do mandamento Não Matar!*” (p. 190). Ao mesmo tempo, o Papa, citando a própria experiência pastoral e a experiência dos consultórios de aconselhamento familiar, afirma “que a mulher não quer suprimir a vida da criança que carrega em si. Se ela for confortada nesta atitude, é se ao mesmo tempo for libertada da intimidação do meio ambiente, então é capaz até de heroís-

mo” (p. 191). Portanto, a reposta mostra claramente que o Papa é conhecedor da complexidade do problema do aborto.

Em continuidade com o traço anterior, vem a *defesa da família*, santuário da vida, e a rica doutrina elaborada sobre ela. Além dos inumeráveis discursos, basta citar a exortação apostólica *Familiaris Consortio* e a original *Carta às Famílias*, publicada durante o Ano da Família. Nesta, o Papa aprofunda a doutrina do matrimônio e da família sobretudo no aspecto antropológico e teológico. Explica, de modo claro e aberto, a doutrina da Igreja sobre a paternidade e maternidade responsável. Desenvolve a questão da eclesialidade do matrimônio e da família.

O interesse pela família constitui não só uma nota do seu pontificado mas, anteriormente, do seu ministério de padre e bispo. Falando da paternidade e maternidade responsável, observa: “É exatamente este o ensinamento que aprendi da *Encíclica Humanae Vitae* do meu venerado predecessor Paulo VI e que, mesmo antes, tinha aprendido *dos meus jovens interlocutores, cônjuges e futuros cônjuges*, enquanto escrevia *Amor e Responsabilidade*. Como disse, eles próprios foram meus educadores nesse campo” (p. 192).

Ligado ao tema da família, encontra-se o da *juventude*. O livro dedica um capítulo a este tema que

frequentemente é citado em outras partes. Sua vocação ao sacerdócio e seu ministério, inclusive como Sucessor de Pedro, traz a marca da presença da juventude. Eis, a propósito, um texto característico: "Durante os anos em que eu mesmo era um jovem sacerdote e pastor, me fiz esta imagem dos jovens e da juventude, que me acompanhou ao longo de todos os anos sucessivos e que me possibilita também encontrar-me com os rapazes em qualquer lugar aonde eu for. Qualquer vigário de Roma sabe que a visita à paróquia deve encerrar-se com o encontro do Bispo de Roma com os jovens. E não somente em Roma mas em toda a parte aonde o Papa vai, procura os jovens e em toda parte é procurado pelos jovens. Aliás, na verdade não é ele a ser procurado. Quem é procurado é o Cristo, o qual sabe 'o que há em cada homem', de modo especial no homem jovem, e sabe dar as verdadeiras respostas às suas perguntas" (p. 125).

O capítulo XIX, dedicado aos jovens, é um dos mais belos e penetrantes do livro. Sobressai pelo realismo e pela esperança. Só quem de fato ama a juventude e dela tem experiência pode expressar-se com tanta naturalidade e sabedoria sobre o assunto. Referindo-se aos jovens de sua geração e ao seu heroísmo nas provocações, ele con-

clui: "Também eu pertencço àquela geração, e penso que o *heroísmo dos meus companheiros ajudou-me a definir a minha própria vocação*" (p. 122).

Na realidade, a juventude é, de certo modo, segundo o Papa, um componente necessário da vida da Igreja: "Os jovens e a Igreja. Resumindo, desejo destacar que os jovens buscam a Deus, buscam o sentido da vida, buscam respostas definitivas: O que farei para alcançar a vida eterna?" (Lc 10,25). Nesta procura não podem deixar de encontrar a Igreja. *E também a Igreja não pode deixar de encontrar os jovens. É necessário apenas que a Igreja tenha uma profunda compreensão daquilo que é a juventude, da importância que reveste para cada ser humano. É preciso também que os jovens conheçam a Igreja, que nela enxerguem a Cristo, o qual caminha ao longo dos séculos com cada geração, com cada ser humano. Caminha com cada um como amigo*" (p. 127).

Finalmente sublinho ainda outro traço do seu pontificado: a *defesa da reta conduta humana*, fundamentada na razão e nos mandamentos divinos. A defesa da moral é o pano de fundo para a defesa dos direitos humanos, da dignidade da pessoa e, de modo especial, da vida em suas origens. Problema que não é só da Igreja, mas

da humanidade inteira e de cada ser humano. Trata-se da moral como conjunto de normas universais e absolutas, em oposição aos diversos relativismos hoje amplamente difundidos. Prova disso são as suas últimas encíclicas: *Veritatis Splendor*, sobre a moral fundamental, e a *Evangelium Vitae*, verdadeiro hino à vida como definiu Dom Luciano Mendes de Almeida. Em última análise, ambas as encíclicas representam uma tentativa séria de salvar a verdade do ser humano.

Podemos agora passar para a análise de alguns traços da *imagem da igreja* presentes no livro de João Paulo II. Antes de tudo a imagem de uma Igreja fiel à sua *identidade católica*. A prática do ecumenismo e do diálogo religioso, que, em última análise, fazem parte do ministério do Sucessor de Pedro, supõem, como ponto de partida, a afirmação da identidade da Igreja Católica. Identidade que ele, em seu livro, jamais esconde ou disfarça. Esse aspecto não passa despercebido ao próprio jornalista: "Pode-se-á constatar, entre outras coisas, que o máximo de abertura (com lance de enorme audácia: confira, por exemplo, as páginas sobre o ecumenismo ou as sobre a escatologia, as "coisas últimas") vem acompanhado sempre com o máximo de fidelidade à tradição. E que os braços abertos para

cada homem não reduzem em nada a identidade católica da qual João Paulo II tem consciência de ser o fiador e o guardião diante de Cristo, "que é o único nome pelo qual seremos salvos" (cf. At 4,12) (p. 19).

Essa identidade está afirmada de modo claro e equilibrado no capítulo vinte e um onde o jornalista põe a questão: *somente Roma tem razão?* Na sua resposta, o Papa, fundamentado na doutrina do Concílio, confessa que a salvação só existe em Cristo. Trata-se de um dado da revelação divina. A Igreja pois é sujeito da salvação da humanidade "na medida em que age por Cristo e em Cristo" (p. 137).

Graças à comunhão com Cristo, é instrumento de salvação do ser humano. A universalidade da Igreja só pode ser compreendida a partir de Cristo, pois é n'Ele que ela é católica.

Reforço também da identidade da Igreja católica são o *Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica*, ambos publicados por ele. Contrariando opiniões de setores da Igreja que julgavam inútil e inoportuno um novo código de direito canônico e, ao mesmo tempo, superada a transmissão da doutrina da fé em forma de catecismo, esse reforço da identidade da Igreja católica através de ambas as obras, deve grande aceitação. Na realidade, foram eles instrumentos que o Papa usou para

inserir, na vida da Igreja, os ensinamentos do concílio Ecumênico Vaticano II.

Aliás, a imagem da Igreja predominante no livro é a imagem de uma *Igreja conciliar*. A fonte doutrinal a que mais recorre, para responder às questões colocadas pelo jornalista, é a doutrina do Vaticano II.

Tendo participado de todas as sessões do Concílio e da elaboração da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, João Paulo II, demonstra ser profundo conhecedor e intérprete do Concílio, que ele define como seminário do Espírito Santo. A *nova evangelização*, por ele pregada constantemente a fim de preparar a Igreja para entrar no terceiro milênio do cristianismo, iniciou-se, conforme afirma, com o Concílio Vaticano II. Como escreveu, "... o Concílio teve em si algo do Pentecostes: orientou o Episcopado de todo o mundo, e portanto a Igreja, exatamente para caminhos por onde precisava seguir no final do segundo milênio" (p. 152). Além de ser um grande empenho ecumênico e missionário, o Concílio inseriu a Igreja num processo de renovação qualitativa. Esse é, segundo o Papa, um de seus resultados mais importantes (cf. p. 110).

A presença da Igreja no mundo é vista pelo Papa não a partir de suas estruturas visíveis e da quantidade numérica de seus membros,

mas a partir do seu "mistério". "Se o mundo, escreve ele, não é católico, do ponto de vista confessional, certamente está profundamente impregnado pelo Evangelho. Pode-se até dizer que, de certo modo, está presente em todo ele, de modo invisível, o mistério da Igreja, Corpo de Cristo" (p. 116).

A ênfase dada ao ecumenismo e ao diálogo religioso, bem como à *nova evangelização*, mostra como o "projeto" de Igreja, presente na mente e no coração do Papa, é fiel à doutrina do Vaticano II. Não só à doutrina mas também ao espírito. Prova de presença desse espírito conciliar é a atitude de *esperança* que exala em cada página do livro. O último capítulo tem, como título, o seguinte convite: "Entrar na Esperança". Esperança que leva a Igreja a enfrentar sem medo, os problemas e desafios do mundo neste final de século e de milênio e a cumprir a sua missão. O capítulo final termina com essas palavras que justificam o título do livro: "O Papa que começou o seu Pontificado com as palavras 'Não tenham medo' procura ser plenamente fiel a essa exortação e está sempre pronto a servir ao ser humano, às nações e à humanidade no espírito desta verdade evangélica" (p. 209).

Pe. Dr. Beni dos Santos é Doutor em Teologia e Professor de Eclesiologia e Pneumatologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.
End.: Av. José Olegário de Barros, 670
12060-400 Taubaté - SP

ESTUDO EXEGÉTICO DAS DIVERSAS FIGURAS DE PARÓQUIA NO NOVO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO

Côn. Dr. Martin Segú Girona

No novo Código, quando se fala em Paróquia, imediatamente vem à mente a questão fundamental de estruturação das próprias dioceses. Por isso, torna-se difícil de compreender bem a figura da Paróquia se não se analisarem os conteúdos do cânon 374¹.

Da leitura atenta, constata-se que a estruturação das dioceses constitui-se uma realidade histórica evolutiva. O princípio fontal, norteador desta história evolutiva foi que, paulatinamente, criou-se uma consciência cada vez mais clara que a unidade da porção do Povo de Deus, constitutivo da Diocese, é uma unidade de comunhão no Espírito Santo. O Espírito inspira e suscita comunhão pela unidade de fé, vivenciando no aqui e agora a Palavra de Deus, pela participação ativa dos canais sacramentais da graça, de modo proeminente o da Eucaristia e pela congregação de todos os crentes, orientados e apascentados pelo Bispo. Aqui, nesta evolução histórica, encontram-se os germes bíblicos dos três múnus, tão sublinhados pela doutrina do Vaticano II.

Nos primeiros séculos da Igreja, a Diocese era uma unidade compacta nos seus três elementos de Fé, Sacramentos e Governo. Na medida em que as comunidades cristãs começaram a se multiplicar e a crescer, constatou-se que os discípulos de Cristo não se concentravam apenas nos grandes centros das cidades mas também em lugares periféricos e nos campos. Esta realidade em si, por um lado, provocava desafios à evangelização e à própria expansão ordenada da Mensagem. Por outro, o Povo de Deus mais consciente, exigia de seus Pastores uma assistência mais sistemática e constante o que implicaria na criação de novos serviços para o atendimento das reais necessidades.

Desde o início, os serviços essenciais duma comunidade estavam no binômio fundamental da Palavra e dos Sacramentos. O desempenho destas funções era feito pelo Bispo, mas ele sozinho não podia atender a todos, por isso colocava-se a questão não muito pacífica da necessidade de instituir novos modelos de agentes pastorais que, em nome do Bispo, se incubissem destes múnus. Esta questão sus-